interações
ISSN: 1983-2478
DOI: 10.5752/P.1983-2478.2026v21n1e211d06
PUC Minas

# A Relação Transferencial e a Função Materna na Figura de Iemanjá

## *The Transference Relationship and the Maternal Function in the Figure of Iemanjá*

## *La Relación de Transferencia y la Función Materna en la Figura de Iemanjá*

**Renata Felix Canal**[*]
Universidade Metodista de São Paulo
Programa de pós-graduação em psicologia da saúde
São Paulo, SP, Brasil
E-mail: renatacanalpsi@gmail.com
ORCID: 0009-0004-4656-0772

**Clarissa de Franco**[**]
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião
São Paulo, SP, Brasil
E-mail: clarissadefranco@hotmail.com
ORCID: 0000-0002-9763-8697

**Maria Elayne da Silva Cipriano**[***]
Universidade de Santo Amaro
Faculdade de Psicologia
São Paulo, SP, Brasil
E-mail: elayne.silva77@hotmail.com
ORCID: 0009-0008-1164-1336

**RESUMO**
O objetivo deste artigo é fazer uma aproximação simbólica entre a figura arquetípica de Iemanjá e a transferência materna à analista. O método utilizado foi a revisão bibliográfica de obras de autoras e autores junguianos que estudaram acerca dos temas transferência, contratransferência, arquétipo e complexo maternos, bem como da figura de Iemanjá, a fim de embasarem a discussão proposta, guiada pelo objeto exposto. A figura de Iemanjá no Brasil tem forte popularidade, independente de religião ou crença individual. Quando a figura arquetípica é convocada na clínica, faz-se necessário ampliar o símbolo para além da religião, uma vez que fé e religião ainda são assuntos tabus e pouco falados durante os atendimentos. Concluiu-se que, pelo fato de Iemanjá fazer parte da cultura

[*] Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista e em Sistemas de Informação pela Faculdade de Informática e Administração Paulista. Mestrado em andamento em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo.

[**] Doutora em Psicologia pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales da Argentina. Doutora e Mestra em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

[***] Graduada em Psicologia pela Universidade de Santo Amaro.

brasileira e, portanto, do inconsciente coletivo como uma figura arquetípica, pode vir a emergir no contexto da clínica psicológica, inclusive, mediante o fenômeno da transferência, configurando-se como um símbolo materno a ser elaborado, o que pode vir a contribuir com o desenvolvimento psíquico do(a) paciente e com a relação terapeuta-paciente na clínica.
**Palavras-chave:** Psicologia analítica; Complexo materno; Iemanjá; Transferência; Contratransferência.

***ABSTRACT***
*The objective of this article is to make a symbolic approach between the archetypal figure of Iemanjá and the maternal transference to the analyst. The method used was the bibliographical review of works by Jungian authors who studied the themes of transference, countertransference, maternal archetype and complex, as well as the figure of Iemanjá, in order to support the proposed discussion, guided by the exposed object. The figure of Iemanjá in Brazil has strong popularity, regardless of religion or individual belief. When the archetypal figure is summoned to the clinic, it is necessary to expand the symbol beyond religion, since faith and religion are still taboo subjects and little talked about during consultations. It was concluded that, because Iemanjá is part of Brazilian culture and, therefore, of the collective unconscious as an archetypal figure, it may emerge in the context of the psychological clinic, including, through the phenomenon of transference, configuring itself as a maternal symbol to be elaborated, which may contribute to the patient's psychic development and the therapist-patient relationship in the clinic.*
***Keywords:*** *Analytical psychology; Maternal complex; Iemanjá; Transference; Countertransference.*

***RESUMEN***
*El objetivo de este artículo es realizar un acercamiento simbólico entre la figura arquetípica de Iemanjá y la transferencia materna al analista. El método utilizado fue la revisión bibliográfica de obras de autores junguianos que estudiaron los temas de transferencia, contratransferencia, arquetipo y complejo materno, así como la figura de Iemanjá, con el fin de sustentar la discusión propuesta, guiada por el objeto expuesto. La figura de Iemanjá en Brasil goza de gran popularidad, independientemente de la religión o creencia individual. Cuando la figura arquetípica es convocada a la clínica, es necesario expandir el símbolo más allá de la religión. ya que la fe y la religión siguen siendo temas tabúes y de los que se habla poco durante las consultas. Se concluyó que, por ser Iemanjá parte de la cultura brasileña y, por tanto, del inconsciente colectivo como figura arquetípica, puede emerger en el contexto de la clínica psicológica, incluso, a través del fenómeno de la transferencia, configurándose como un símbolo materno a elaborar, que pueda contribuir al desarrollo psíquico del paciente y a la relación terapeuta-paciente en la clínica.*
***Palabras clave:*** *Psicología analítica; Complejo materno; Iemanjá; Transferencia; Contratransferencia.*

## 1 INTRODUÇÃO

O vínculo entre terapeuta e paciente frequentemente se estabelece por meio de dinâmicas transferenciais que evocam figuras arquetípicas profundamente enraizadas na psique humana. Este artigo tem como objetivo explorar a figura arquetípica de Iemanjá como símbolo da transferência materna no contexto clínico. A pesquisa originou-se de uma experiência vivenciada durante um atendimento psicológico, no qual uma adolescente expressou o desejo de sentir a presença de Iemanjá. Ao relatar sua intenção de pedir coragem

e esperança a essa divindade, a jovem despertou uma reflexão sobre a importância das representações simbólicas no processo terapêutico e na ressignificação da relação materna.

A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica de obras de autores junguianos que abordam temas como transferência, contratransferência, arquétipos e complexo materno, além da figura de Iemanjá. Essa abordagem fundamenta a discussão proposta e amplia a compreensão do simbolismo de Iemanjá na clínica psicológica, destacando como essa figura transcende as fronteiras da religião e se estabelece como um recurso terapêutico poderoso, capaz de promover a integração psíquica e o desenvolvimento emocional. Para a seleção dos artigos que compõem esta pesquisa, serão utilizadas as plataformas SciELO e Google Acadêmico. A escolha por essas bases de dados justifica-se por sua ampla indexação de artigos publicados em periódicos de alto impacto, especialmente na área da Psicologia. Serão considerados estudos publicados a partir de 2010, nos idiomas português, inglês e espanhol.

O artigo está estruturado em seções que contemplam, inicialmente, uma análise do mito de Iemanjá e sua relevância cultural no Brasil. Em seguida, discute-se a relação entre arquétipo e complexo materno, antes de abordar a relação transferencial e a função materna da figura de Iemanjá, considerando os impactos dessa representação no setting clínico.

Esta pesquisa não se limita a uma análise da psicologia da religião, mas propõe uma reflexão sobre os significados que a imagem de Iemanjá evoca na psique do indivíduo, especialmente em contextos de vulnerabilidade emocional. A cultura afro-brasileira oferece uma rica tapeçaria de mitologemas que contribuem para a compreensão da complexidade do complexo materno, abrangendo tanto as polaridades positivas quanto negativas. O foco do artigo é a polaridade positiva de Iemanjá como modelo para a paciente.

Por meio desta investigação, busca-se contribuir para o campo da Psicologia Analítica, abrindo espaço para novas discussões sobre a relevância de figuras arquetípicas na prática clínica. Destaca-se a importância do amor e do acolhimento no processo terapêutico como agentes transformadores. A figura de Iemanjá, em sua essência materna, pode servir como um poderoso recurso simbólico, promovendo a cura e a integração psíquica dos indivíduos, ao mesmo tempo em que desafia as barreiras tradicionais que cercam a discussão sobre fé e espiritualidade no âmbito da Psicologia.

## 2 IEMANJÁ

Iemanjá é reconhecida como a mãe de todos os orixás e a deusa das águas. Sua origem

remonta às tradições dos povos iorubás da África Ocidental, onde é associada à fertilidade, proteção e abundância.

A história de Iemanjá no Brasil está intimamente ligada à diáspora africana, que começou no século XVI com a chegada de milhões de africanos escravizados. Os povos iorubás, entre outros, foram trazidos para o Brasil, especialmente nas regiões onde a cultura afro-brasileira se desenvolveu, como na Bahia e no Rio de Janeiro. Durante esse processo, as tradições religiosas africanas foram preservadas e adaptadas ao novo contexto cultural, levando à formação do Candomblé e de outras práticas religiosas afro-brasileiras (Nascimento, 2006).

No Brasil, Iemanjá foi sincretizada com várias figuras do catolicismo, a mais notável sendo Nossa Senhora dos Navegantes. Essa sincretização permitiu que a devoção a Iemanjá fosse mantida, mesmo diante da repressão religiosa imposta durante o período colonial. As celebrações de Iemanjá, que originalmente eram práticas religiosas, começaram a incluir elementos do catolicismo, criando uma rica tapeçaria cultural que mescla diferentes tradições (Mello, Medeiros, 2023).

Um dos momentos mais significativos de devoção à Iemanjá ocorre em 2 de fevereiro, quando milhares de fiéis se reúnem nas praias, especialmente no Rio de Janeiro, para celebrar a deusa. Durante essa festividade, os devotos oferecem flores, perfumes e outros presentes ao mar, buscando proteção e bênçãos. Esse ritual é uma expressão de fé e gratidão, além de um momento de conexão com a ancestralidade e a cultura afro-brasileira (Prandi, 2001).

O mito, enquanto construção cultural, representa uma realidade complexa que pode ser abordada e interpretada sob múltiplas perspectivas e dimensões. Segundo Mircea Eliade (1972, p. 12), "o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos". Essa definição destaca o papel do mito como um veículo de transmissão de significados culturais e identitários, que, em contextos específicos, reverberam na vida coletiva e individual.

No contexto da mitologia afro-brasileira, Iemanjá se destaca como uma figura arquetípica de grande relevância. Prandi (2001) descreve o *itan*[1] de Iemanjá, narrando que Olodumare-Olofim, o criador supremo, vivia isolado no Infinito, cercado por fogo, chamas e vapores que dificultavam sua movimentação. Saturado por um universo tenebroso, sem interlocutores, decidiu pôr fim à sua solidão. Ele liberou suas forças criativas, provocando

[1] Os *itans* podem ser compreendidos como narrativas simbólicas que funcionam como parábolas, revelando ensinamentos sobre a vida humana e sobre a relação entre os seres humanos, a natureza e o sagrado.

uma tempestade de águas que, ao se debater contra rochas emergentes, abriu vastas cavidades no solo (Prandi, 2001).

Em uma das diversas lendas populares, Obataã (céu) uniu-se a Odudua (terra), e desta união nasceram Aganju (rocha) e Iemanjá (águas) (Souto, Cardoso, 2020).

Uma das narrativas associadas a essa divindade relata que Iemanjá teria se unido a seu irmão Aganju, com quem teve um filho chamado Orungan. Em determinado momento, durante a ausência do marido, a deusa é violentada pelo próprio filho, configurando uma relação incestuosa. Diante desse acontecimento, Iemanjá abandona o lar e inicia uma fuga marcada pelo desespero. No percurso, seu corpo tomba sobre a terra e, a partir de seu ventre dilacerado, em um movimento de expansão, emergem os demais orixás. Simultaneamente, de suas mamas jorram as águas que dariam origem aos rios e lagos da região nigeriana. Nesse mesmo local, segundo a tradição, teria surgido a cidade sagrada de Ifé — termo que remete à ideia de inchaço ou distensão — considerada um dos centros fundamentais da cultura iorubá na Nigéria (Verger, 1981).

Dessa forma, as águas preencheram as fendas, formando os mares e oceanos, onde Olocum encontrou seu lar. O que restou da inundação originou a terra, e na superfície do mar, junto à terra recém-formada, Iemanjá estabeleceu seu reino, composto por algas, estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas e madrepérolas. Iemanjá, nascida em tonalidades de prata e azul, é frequentemente representada coroada pelo arco-íris de Oxumarê, simbolizando a conexão entre o mundo espiritual e o material (Prandi, 2001).

Iemanjá, reconhecida como a mãe dos orixás, juntamente com Olodumare, dominou o fogo subterrâneo e o entregou ao poder de Aganju, o senhor dos vulcões, onde ainda persiste a energia ígnea. O fogo que consumia a superfície do mundo foi extinto por eles, e com as cinzas resultantes, Orixá Ocô fertilizou os campos, possibilitando o surgimento de ervas, frutos, árvores, bosques e florestas, que foram confiados aos cuidados de Ossaim. Nos locais onde as cinzas eram escassas, emergiram pântanos, que, por sua vez, trouxeram a peste, concedida pela mãe dos orixás ao filho Omulu (Prandi, 2001).

Encantada pela Terra, Iemanjá embelezou-a com rios, cascatas e lagoas, dando origem a Oxum, a senhora das águas doces. Após a conclusão de sua obra, quando cada elemento e aspecto da natureza estavam sob a posse de um dos filhos de Iemanjá, Obatalá, em obediência a Olorum, criou o ser humano, que povoou a Terra. Assim, os orixás foram celebrados pelos humanos, perpetuando o ciclo de reverência e conexão entre o divino e o humano (Prandi, 2001).

## 3 DO ARQUÉTIPO AO COMPLEXO MATERNO

Arquétipos são potenciais universais de desenvolvimento psíquico, cujas manifestações podem ser observadas em todas as épocas e culturas, sendo os mitos um canal notório de suas expressões.

De acordo com Silveira (1981), arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, formas instintivas de imaginar, conjuntos de potências que fazem parte de todos os indivíduos, regentes de etapas da vida. A noção de arquétipo, postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os humanos, permite compreender de onde provêm, em lugares e épocas distantes, temas similares nos contos de fadas, mitos, dogmas e ritos de religiões, artes, filosofias, produções inconscientes individuais, como sonhos, delírios ou fantasias.

Os arquétipos permeiam o inconsciente coletivo – a camada mais profunda da psique – e podem ser definidos como uma combinação de padrões e forças universalmente predominantes (Stein, 2005).

> O ser humano[2] "possui" muitas coisas que ele não adquiriu, mas herdou dos antepassados. Não nasceu tabula rasa, apenas nasceu inconsciente [...]. O homem traz do berço o plano básico de sua natureza, não apenas de sua natureza individual, mas de sua natureza coletiva. Esses sistemas herdados correspondem às situações humanas que existiram desde os primórdios: juventude e velhice, nascimento e morte, filhos e filhas, pais e mães, uniões etc. Apenas a consciência individual experimenta essas coisas pela primeira vez, mas não o sistema corporal e o inconsciente. Para estes só interessa o funcionamento habitual dos instintos que já foram pré-formados de longa data (Jung, 2013, §728).

É importante destacar o aspecto fluido, móvel e de movimento de todos os arquétipos, já que os processos sociais, históricos, culturais impactam e transformam o conteúdo pelo qual reconhecemos e acessamos o arquétipo. "Os arquétipos são os elementos inabaláveis do inconsciente, mas mudam constantemente de forma [...] sempre exigem novas interpretações" (Jung, 2000, p. 179).

Segundo Perrone (2008), a teoria dos complexos, cuja versão inicial deu-se na primeira década do século XX, foi uma façanha, uma vez que Jung conseguiu demonstrar experimentalmente a existência do inconsciente.

Os complexos influenciam os campos de visão interno e externo do indivíduo, bem como as possibilidades de pensar, sentir e agir, portanto, esta teoria contribui para a compreensão das relações entre a consciência e o inconsciente.

[2] Adaptação nossa à expressão *o homem*.

Complexos são centros de energia constituídos em torno de um núcleo de significado com acento afetivo: um elemento nuclear portador de significado, inconsciente e não dirigível, que inunda todas as partes dessa estrutura complexa com seu tom emocional, e as associações ligadas ao núcleo vindas da disposição original do indivíduo e de suas experiências ambientalmente coletadas na história de vida.

> Complexo afetivo é a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isso, se comporta, na esfera do consciente, como um corpus alienum (corpo estranho), animado de vida própria (Jung, 2014a, §201).

Uma forma de manifestação do complexo é a constelação, caracterizada como um movimento em que, a partir de um estímulo geralmente inesperado, há a mobilização de um complexo, de modo que a pessoa adentra uma situação interna em que há uma espécie de gatilho emocional que a fará reagir de modo definido.

> Uma situação externa desencadeia um processo psíquico que consiste na aglutinação e na atualização de determinados conteúdos. A expressão “está constelado” indica que o indivíduo adotou uma predisposição de expectativa, com base na qual reagirá de forma inteiramente definida. A constelação é um processo automático que se manifesta involuntariamente e que ninguém pode deter por vontade própria. Esses conteúdos constelados são determinados complexos que possuem energia específica própria. Quando a experiência em questão é de associações, os complexos em geral influenciam seu curso em alto grau, provocando reações perturbadoras, ou provocam, para as dissimular, um determinado modo de reação que se pode notar, todavia, pelo fato de não mais corresponderem ao sentido da palavra estímulo (Jung, 2014a, §198).

Jung (2014a, §198) afirma que o arquétipo materno é a base do chamado complexo materno, sendo a mãe ativamente presente na origem de perturbações manifestas por seus filhos, particularmente neuroses infantis ou aquelas cujas etiologias recuam até a primeira infância. Contudo, os efeitos do complexo podem afetar tanto o desenvolvimento da mãe como o do filho, visto que o polo constelado na mãe pelo filho a faz tratá-lo com sentimentos e comportamentos positivos ou negativos, o que influencia a constelação do complexo materno no filho, afetando as suas relações.

As potencialidades de desenvolvimento do arquétipo materno são comuns a todos, contudo, a psique individual as vivenciará sob a influência de conteúdo do inconsciente pessoal e da consciência, assim, reveste-as das experiências singulares, tornando cada mãe única para seu filho.

Dessa forma, podemos pensar que o arquétipo da Grande Mãe faz parte da

constituição psíquica que recebemos do inconsciente coletivo, mas o revestimos com nossas histórias pessoais.

Para Neumann (2021), a imagem primordial refere-se ao arquétipo da grande mãe. Não se trata de uma imagem concreta existindo com tempo e espaço, mas uma imagem interior em operação na psique. A expressão simbólica desse fenômeno são as figuras e imagens da Grande Deusa, reproduzidas nas criações artísticas e nos mitos da humanidade.

> O complexo materno originalmente positivo proporciona a uma criança o sentimento de um incontestável direito à existência, o sentimento de ser interessante e de ter parte em um mundo que oferece tudo de que alguém necessidade – e um pouco mais. A partir disso, esse eu também poderá entrar em contato, de modo confiante, com um outro (Kast, 1997b, p. 6).

Apesar de Iemanjá ser considerada nutridora, Zacharias (1998) descreve-a como austera e sensível, dividindo o domínio do reino materno com a orixá Oxum. A questão da posse junto a seus filhos é exposta pelo autor, destacando a sua intenção de mantê-los como eternas crianças: "Austera e sensível, Iemanjá é mais compreendida como mãe a partir do período da pré-adolescência, o que não a faz menos possessiva e que se esforça por manter seus filhos eternas crianças" (Zacharias, 1998, p. 188).

Segundo Mello e Angella (2023), Iemanjá, a rainha do mar, no Brasil, pode revelar a face sombria do complexo materno, a partir da hipertrofia do aspecto maternal, levando todos os filhos para o fundo do mar.

Pelo fato do reino de Iemanjá ser prioritariamente o dos mares, esta figura se torna também psicologicamente fundida ao inconsciente e ao profundo e desconhecido movimento emocional que as águas representam. Uma *mãe das águas* é também uma mãe ligada a aspectos emocionais que acrescentam ao arquétipo materno, além das tradicionais características de nutrição e cuidado, elementos como compaixão, perdão, acolhimento, humanização, além dos aspectos sombrios já apontados.

Kast (1997b) expõe que, durante a adolescência, no lugar de mãe e pai pessoais, podem adentrar o pai e a mãe supra pessoais, tais como os conhecemos através das religiões. Os jovens encontram-se em crise de identidade e buscam orientação e, uma vez que esta pode não vir dos pais pessoais, vivificam-se os arquétipos existentes atrás destas figuras. Pode-se chegar a um intenso interesse por determinadas correntes religiosas, desse modo, o indivíduo torna-se temporariamente um filho de um superpoder, algo que estabiliza o sentimento de autoestima, o que tornará mais fácil o desligamento dos pais. Podemos dizer que, na fase de desligamento, as pessoas que não são propriamente pais ou mães, mas em quem é possível projetar conteúdos paternos ou maternos, desempenham um papel

importante, assim como as imagens de divindades paternas e maternas e seus respectivos programas de vida.

De acordo com Mello e Angella (2023), é possível pensar Iemanjá, a Senhora do Mar, como uma faceta do arquétipo da grande mãe, já que ela apresenta os pertinentes aspectos fundamentais da representação coletiva da mitologia ioruba, agrupando faces positivas e negativas ao mesmo tempo. Dessa forma, é possível pensar em uma mobilização psíquica que pode vir a se manifestar, tanto para aqueles que estão na clínica analítica, uma vez que o arquétipo abarca as dimensões universais humanas, quanto os que se encontram em lugares de culto.

Whitmont (2010) relata que as imagens e representações arquetípicas comumente aparecem em mitos, histórias, contos de fadas, de modo que seus temas recorrentes são chamados de mitologemas. A integração da imagem arquetípica acontece através do reconhecimento e da vivência dessa imagem como uma pintura de significado, como um símbolo. Se permanecermos alheios ao poder autônomo do mitologema e mantivermos uma identificação não crítica com o nosso impulso ou opinião egóica, arriscamo-nos a ser inundados por sua força ou arrastados para a destruição por uma ideia fixa, ou seja, a ser possuídos por um complexo, cujos conteúdos são intensamente reprimidos.

Os complexos podem agir na consciência como lentes pelas quais o indivíduo tem a sua percepção distorcida, podendo carregar teor positivo ou negativo e, assim, provocar dificuldades ou facilidades no processo de adaptação. Os complexos agem quase como outras personalidades e interferem nas tomadas de decisões e nas relações interpessoais, por isso, diz-se que uma pessoa é tomada pelo complexo e não, o contrário (Jacobi, 2016).

## 4 A RELAÇÃO TRANSFERENCIAL E A FUNÇÃO MATERNA

Iemanjá, enquanto símbolo arquetípico, representa uma das figuras mais proeminentes da mitologia afro-brasileira, reconhecida como a mãe de todos os orixás e associada às águas e à maternidade. Sua influência transcende as fronteiras das religiões afrodescendentes, sendo reverenciada até mesmo por aqueles que não seguem tais crenças. A imagem de Iemanjá evoca a ideia de uma mãe protetora e nutridora, simbolizando o acolhimento e o amor incondicional. Assim, ela se insere no imaginário coletivo brasileiro como uma Grande Mãe, cuja presença é sentida nas relações interpessoais e na busca por conexão emocional (Mello, Medeiros, 2023).

Ao pensarmos no símbolo de Iemanjá como imagem arquetípica, entendemos que,

no Brasil, é o Orixá mais cultuado e conhecido, mesmo por aqueles que não fazem parte de uma religião afrodescendente. É considerada como a mãe de todos os Orixás, a mãe zelosa, a mãe das águas, fazendo parte do imaginário brasileiro como a grande mãe, associada ao mar.

Ao fazer uma aproximação simbólica de Iemanjá com a figura da analista, gostaria de me aprofundar nesta, bem como na transferência e na contratransferência que ocorrem no *setting* analítico.

Refletir sobre transferência e contratransferência implica que o analista se coloque dentro do processo terapêutico e, para isso, a percepção de si é fundamental. Tal processo analítico visa ajudar o paciente na compreensão de aspectos que ainda não foram conscientizados por ele, para tanto, o analista deve, a todo instante, perceber o que é seu, o que é do seu paciente e, ainda, o que é do encontro.

A contratransferência, segundo Stein (2021), é guardada na sombra da prática analítica, dado ser um tema confuso, dolorido, repleto de implicações relacionadas à psique do analista, contudo, as defesas contra a divulgação da contratransferência e a análise de suas fontes deve ser rompida se quisermos saber o que se sucede na análise, seja para o bem ou para o mal.

Na prática analítica, a figura de Iemanjá pode ser percebida como um recurso simbólico para explorar as dinâmicas de transferência e contratransferência que emergem entre analista e paciente. A transferência, conforme descrito por Jung (1953), refere-se ao processo pelo qual a paciente projeta sentimentos, desejos e experiências passadas sobre o analista, frequentemente revivendo relações maternas ou paternas no contexto terapêutico. Nesse sentido, Iemanjá pode simbolizar a figura materna idealizada que o paciente busca, representando tanto o acolhimento quanto a proteção.

A contratransferência, por sua vez, diz respeito às reações emocionais do analista em resposta às projeções do paciente. Jung (1953) enfatiza a importância de o analista estar consciente de suas próprias reações emocionais, uma vez que essas respostas podem influenciar significativamente o processo terapêutico. A simbolização de Iemanjá, com suas conotações de amor materno e cuidado, pode ressoar nas experiências do analista, potencializando tanto a empatia quanto a necessidade de estabelecer limites saudáveis dentro da relação terapêutica.

A reflexão sobre a transferência e a contratransferência exige que o analista desenvolva uma consciência crítica de sua própria subjetividade. É fundamental que ele reconheça o que é seu, o que pertence ao paciente e o que se origina do encontro entre

ambos. Essa percepção é essencial para criar um espaço terapêutico seguro, onde a dinâmica transferencial possa ser explorada de maneira construtiva, permitindo que o paciente se aprofunde em suas próprias questões emocionais e relacionais (Jacobi, 2016).

Todos os seres humanos constelam o complexo materno, seja de forma positiva ou negativa, sendo que as questões ligadas a este complexo possuem um alto valor simbólico, o que passa a ter uma carga significativa em relação ao ego. Contudo, vivências relativas ao arquétipo da Grande mãe são constantemente reeditadas em nossas vidas, trazendo a possibilidade de ressignificar o respectivo complexo.

Kast (1997a) relata que para trabalhar com os símbolos, é preciso estar pronto para se deixar tocar emocionalmente por eles, questionar o nível de vida concreto e ocupar-se do que está oculto e enigmático. Mais do que ao intelecto, os símbolos dialogam com uma realidade invisível, obscura e transcendente.

Ao pensar na emergência da figura de Iemanjá, mediante a transferência à analista, alude-se à possibilidade de reorganização psíquica, visto que:

> Iemanjá sendo ordenadora psíquica, a manifestação arquetípica de Iemanjá, na psique e como forma de amplificação clínica, pode trazer organização na saúde mental como um todo, já que dentro das suas múltiplas facetas, ajuda a "assentar" desejos, aptidões, ambições, emoções e ideias, fatores primordiais para que a saúde mental dos indivíduos esteja em ordem. Senhora do mundo emocional, das águas psíquicas, guardiã do inconsciente, pois elemento principal é a água, Iemanjá cuida do *ori*, das cabeças, que é sede da personalidade, do destino e facilitador da conexão espiritual, proporcionando qualidade de vida, bem-estar bio-psico-social, podendo, assim, evitar o desencadeamento de doenças psíquicas diversas (Mello, Medeiros, 2023, p. 162).

Iemanjá, rainha do mar e mãe de dez orixás — entre eles aqueles que regem e acompanham os seres humanos ao longo da vida, tornando-se pais e mães de cabeça — é, por essa linhagem simbólica, reconhecida como mãe de todas as cabeças. Na umbanda, sua imagem assume um caráter profundamente materno, associado ao cuidado, à proteção e ao afeto, mas também atravessado pelas marcas e pelos encargos atribuídos ao feminino. Ao encarnar a Grande Mãe, seu simbolismo se expressa inclusive nos elementos que lhe são ofertados: a presença do leite em suas comidas rituais remete diretamente à ideia de nutrição, amparo e sustentação da vida (Barros, 2006).

Kast (1997b) afirma que o complexo materno originalmente positivo proporciona, a uma criança, os sentimentos de incontestável direito à existência, ser interessante e ter parte em um mundo que oferece tudo que alguém necessita – e um pouco mais. A partir disso, esse Eu também pode entrar em contato, de modo confiante, com um outro.

Boccalandro (2003) relata que o amor na relação terapêutica se torna possível

quando o terapeuta é capaz de amar a si próprio, conhece suas limitações e seus potenciais, logo, caminhou em um processo de autoconhecimento e, por isso, é capaz de sentir amor fraterno em relação a outros. À medida que o terapeuta é capaz de aceitar de forma incondicional seu paciente, acreditando em seu potencial e sua criatividade, vê nele a possibilidade de sair do movimento de repetição que o mantém no sofrimento e na dor, assim, ele permite que o paciente também aprenda a se respeitar e se amar, responsabilizando-se e, dessa forma, conseguindo modificar aspectos de sua vida e personalidade.

Para a autora, na relação terapêutica amorosa, o terapeuta permite-se discordar do seu paciente, abdicar de jogos de controle e manipulação e estabelecer limites, oferecendo suporte para que o paciente possa experienciar suas próprias limitações e dificuldades, responsabilizando-se por elas. O terapeuta que ama seu paciente, muitas vezes, precisa ser firme e forte para ajudá-lo a assumir suas responsabilidades, o que não deixa de ser também uma atitude amorosa.

Boccalandro discorre:

> A essência do Amor é o relacionamento. O amor é uma energia de cura muito poderosa e um agente catalizador muito potente para a transformação. A fonte da maioria das doenças está na nossa incapacidade de amar a nós mesmos ou de receber amor dos outros. Nossas dificuldades com o amor frequentemente resultam de experiências ou de percepções de traições, abandono, humilhação ou rejeição, que já tivemos na mais tenra infância e que nos conduziram a sentimentos de demérito, vergonha e culpa. Esses sentimentos arraigados produzem uma sensação de separação do eu em relação às outras pessoas. Se essa separação inicialmente sentida pode ser um esforço da psique para defender-se do medo, do isolamento e do sofrimento, pode finalmente se tornar fonte de sentimentos continuados de separação, alienação e ansiedade. Relacionar significa reunir. Relacionamento significa que o amor junta novamente aquilo que uma vez era um, mas aparentemente se separou. O amor é a sensação de saber que somos parte de tudo, um reconhecimento de que cada um de nós é parte de uma imensa ordem universal. Essas qualidades de união fazem do amor uma sutil e poderosa energia e é por isso que ele também se constitui num núcleo central de cura (Boccalandro, 2003, p. 76).

Guerrinha (2016) expõe que experienciar o amor em um ambiente seguro e sagrado permite ao paciente uma abertura para aceitar o Si-mesmo e o outro, bem como a realidade trágica da existência. Assim, o amor em psicoterapia é um apelo à construção de um espaço íntimo de partilha e ao vínculo ao prazer criativo e ao prazer afetivo, abraçando o risco de abandonar mecanismos defensivos e sujeitar-se à vulnerabilidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os indivíduos são influenciados pelo complexo materno, um tema que, embora

frequentemente estudado e discutido, é inesgotável pelo atravessamento de sua profundidade. O complexo materno revela diversas facetas, incluindo suas polaridades positivas e negativas, o mito do amor materno, além das dinâmicas de mães que abandonam ou negligenciam, assim como aquelas que inibem o desenvolvimento de seus filhos.

No contexto brasileiro, Iemanjá se destaca como uma das figuras africanas mais reconhecidas e aceitas, independentemente da religião ou crença individual. Mesmo aqueles que pertencem a outras tradições religiosas frequentemente reverenciam Iemanjá, realizando práticas como pular ondas ou oferecer flores e enfeites em sua homenagem.

Iemanjá pode ser vista como a personificação de aspectos do arquétipo da Grande Mãe, representando a nutrição e a proteção. Ela é a criadora de todos os orixás e, ao mesmo tempo, a cuidadora tanto de seus filhos quanto dos filhos de outros.

Quando essa figura arquetípica é evocada no ambiente clínico, é comum que surjam relutâncias e resistências, pois o analista pode se sentir apreensivo em relação aos caminhos que essa simbologia pode abrir. A religião e a fé são frequentemente consideradas tabus nas sessões de terapia, o que leva à recomendação de que a postura do analista deve ser neutra diante das crenças do paciente. Contudo, além da perspectiva religiosa, é possível vislumbrar um espaço de acolhimento e nutrição para pacientes que frequentemente manifestam um arquétipo materno negativo, caracterizado por experiências de abandono e negligência. Neste contexto, a transferência de uma figura materna positiva pode atuar como um agente transformador.

A percepção de que este tema é pouco abordado na literatura, por conta da escassez de autores e artigos dedicados, indica a necessidade de novos estudos que explorem essas dinâmicas. A vivência do amor no ambiente clínico pode proporcionar ao paciente uma experiência inédita, permitindo que o analista reconheça sua capacidade de amar os pacientes, nutrindo-os com um olhar atento e desejoso de seu crescimento e superação. Esse acolhimento se torna crucial para que, naquele momento, o paciente receba o suporte necessário.

A longo prazo, será necessário que haja um desligamento, o que implica o reconhecimento e elaboração da contratransferência materna. Essa reflexão é essencial para evitar que, assim como Iemanjá, que muitas vezes pode ser vista como levando seus filhos para o fundo do mar, o/a analista mantenha o/a paciente em uma dependência que impeça seu crescimento e desenvolvimento autônomo.

Ficam nossos profundos agradecimentos pelas partilhas que nos foram confiadas na esperança de que pudéssemos acolhê-las.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Cristiane Amaral de. **Iemanjá e Pomba-Gira:** imagens do feminino na Umbanda. 2006. 303 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006. Disponível em: http://www.repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/3261/1/cristianedoamaraldebarros.pdf. Acesso em: 27 fev. 2026.

BOCCALANDRO, M. P. R. O amor na relação terapêutica e no processo de cura. **Psic:** Revista de Psicologia da Vetor Editora, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 72-81, 2003.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GUERRINHA, M. P. Arte-psicoterapia: ou um amor singular em psicoterapia. **Revista Portuguesa de Arte-terapia**, Lisboa, n. 6, p. 80-88, out. 2016. Disponível em: https://arte-terapia.com/wp-content/uploads/2013/09/Arte_Viva_2016_2017_final-Rev_logo_ok-1.pdf. Acesso em: 27 fev. 2026.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, C. G. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1953. (OC, v. 12).

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **Freud e a Psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 2013. (OC, v. 4).

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2014a. (OC, v. 8/2).

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014b. (OC, v. 14/1).

KAST, V. **A dinâmica dos símbolos:** fundamentos da psicologia junguiana. São Paulo: Loyola, 1997a.

KAST, V. **Pais e filhas, mães e filhos:** caminhos para a autoidentidade a partir dos complexos materno e paterno. São Paulo: Loyola, 1997b.

MELLO, L.; MEDEIROS, V. da C. **Iemanjá:** a senhora das cabeças. Mito, simbologia, alquimia e clínica junguiana. São Paulo: Científica Digital, 2023. Disponível em: https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/230212153.pdf. Acesso em: 07 jul. 2026.

NASCIMENTO, M. O. L. S. **O Candomblé da Bahia:** história e tradição. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe:** um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. São Paulo: Cultrix, 2021.

PERRONE, M. P. M. **Complexo:** conceito fundante na construção da psicologia de Carl Gustav Jung. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-30072009-135120/pt-br.html. Acesso em: 07 jul. 2026.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVEIRA, Nise. **Jung:** vida e obra. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

SOUTO, C.; CARDOSO, P. A. **Iemanjá:** Lendas, arquétipo e teologia. São Paulo: Rochavera, 2020.

STEIN, M. **Jung:** o mapa da alma. Uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2005.

STEIN, M. **Transferência e contratransferência:** ensaios contemporâneos sobre a interação entre analistas e pacientes da psicologia junguiana. São Paulo: Cultrix, 2021.

VERGER, Pierre Fatumbi**. Orixás:** Deuses iorubás na África e no Novo Mundo. São Paulo: Corrupio, 1981.

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo:** conceitos básicos de Psicologia Analítica. São Paulo: Cultrix, 2010.

ZACHARIAS, J. J. M. **Ori Axé:** a dimensão arquetípica dos orixás. São Paulo: Vetor, 1998.

***Apoio:*** *Universidade Metodista de São Paulo*

***Contribuição na coautoria:*** *Concepção e planejamento do estudo: RFC, CF, MESC. Coleta, análise e interpretação dos dados: RFC. Elaboração ou revisão do manuscrito: MESC. Aprovação da versão final: CF. Responsabilidade pública pelo conteúdo do artigo: RFC.*

***Conflito de interesses:*** *As coautoras declaram não haver conflitos de interesses.*

***Recebido em:*** *27-01-2025*

***Aprovado em:*** *10-06-2026*

***Editora de seção:*** *Soraya Cristina Dias Ferreira*